Jose Bonifacio

O PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA

DOCUMENTÁRIO N. 115

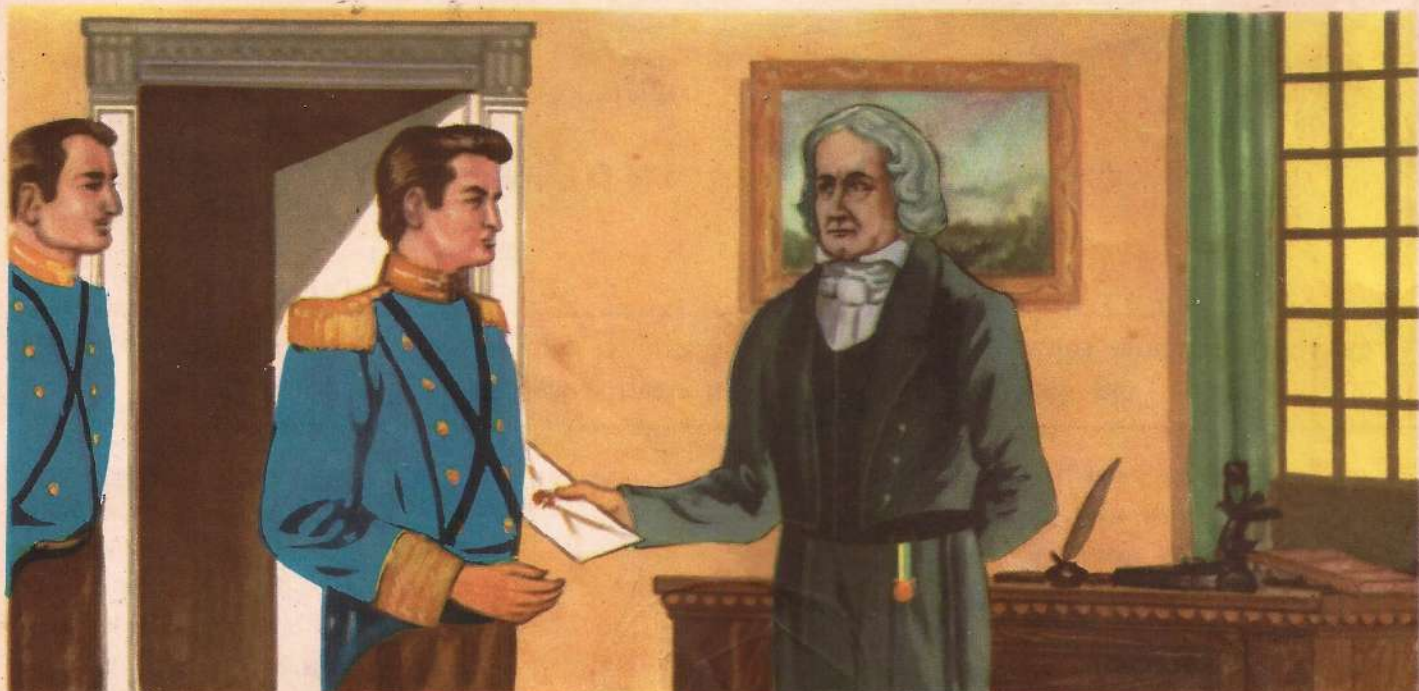
Na galeria dos grandes vultos da nossa história, agiganta-se, entre todos, a figura majestosa do grande Andrada, que dedicou tôda sua vida à emancipação política de nossa Pátria.

José Bonifácio de Andrada e Silva pode ser considerado como um dos homens mais sábios nascidos no Brasil. Sua sêde de saber era imensa. Amante de viagens, bem cedo seguiu para o Velho Mundo, onde teve oportunidade de estudar e conhecer numerosos países, sempre aprofundando seus conhecimentos. Espírito enciclopédico, caráter íntegro, homem de bons sentimentos, patriota de escol, principal artífice da nossa Independência, sua altivez e coragem eram admiradas até pelos seus próprios inimigos. José Bonifácio figura, hoje, entre os grandes vultos das Américas, ao lado de Bolívar, Washington, O'Higgins, San Martin e tantos outros libertadores desta parte do hemisfério. Seu nome figura em ruas de tôdas as cidades do País, além de inúmeras estátuas que lhe erigiram, não só em nossa terra como, também, nos países americanos, inclusive nos Estados Unidos. Sua vida foi um perene exemplo de dignidade, amor ao estudo e patriotismo, e sua memória mais se perpetua, com o decorrer dos anos.

José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência.

PRIMEIROS ANOS

Nasceu, José Bonifácio, no ano de 1763, na bela cidade de Santos, que tantos homens ilustres tem dado ao Bra-Brasil e que, naquela época, contava apenas pouco mais de 1.600 habitantes. Seu pai, Bonifácio José de Andrada, figurava com uma fortuna de oito contos de réis, a segunda da cidade praiana, e era considerado "paulista das principais famílias da vila de Santos... muito ágil, desembaraçado e inteligente." De início, deram-lhe o nome de José Antônio. Passou a infância entre os pais e os tios, que eram letrados, doutôres em leis, um dêles médico e, outro, gramático, poeta e filósofo. Aprendeu suas primeiras letras com a mãe, Maria Bárbara da Silva. Seus primeiros anos foram despreocupados e felizes, ao lado de seus nove irmãos. Aos treze, seguiu para São Paulo, onde passou a estudar com o bispo metropolitano, D. Frei Manuel da Ressurreição, que lhe ensinou lógica, metafísica, retórica e língua francesa. José Bonifácio não só estudava mas fazia bom uso da biblioteca do bispo. Seus pais desejavam que fôsse padre, como seus tios, e José Bonifácio chegou a requerer a habilitação necessária, com mais três irmãos, dos quais, porém, só um, Patrício Manuel, o mais velho, se ordenou.

Tinha, então, 16 anos. Dois anos mais tarde, tendo concluído seus preparatórios, seguiu para o Rio, de onde embarcou para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra, na secção jurídica. No ano seguinte, porém, ei-lo aluno também de matemática e filosofia, o que demonstra sua imensa vontade de instruir-se, sua ambição de saber, que o seguiu até a velhice. Em 1787, após quatro anos de estudos, diploma-se em Filosofia Natural e Direito Civil, mas o jovem santista não fôra a Coimbra apenas para obter diplomas. Procurou conhecer tudo sôbre os problemas da época, com seu espírito prático e observador. Em 1788, estava em Lisboa, e sua fama de estudante notável, sua grande cultura, interessaram

O príncipe D. Pedro viajara para São Paulo. Portugal oprimia sempre mais o Brasil. José Bonifácio viu que chegara o momento de agir. "O dado está lançado, decida-se!" foram os têrmos enérgicos da mensagem que enviou ao futuro imperador, que compreendeu a situação e proclamou a Independência.

ao poderoso Duque de Lafões, fundador da Academia das Ciências de Lisboa, onde promoveu o ingresso do "brasileirinho", como sócio livre, em 4 de março de 1789. Trinta anos mais tarde, êle ainda se lembrava com prazer dessa distinção. Pouco antes, apresentara um trabalho: **Memória sôbre a pesca das baleias e extração de seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias**", apontando erros e fazendo sugestões, como se não tivesse feito outra coisa em sua vida senão pescar. Sua "Ode à Poesia" também causara sucesso no velho mundo.

Em julho do mesmo ano, habilitou-se para exercer a magistratura, mas não se coadunavam com seu espírito empreendedor as delícias de uma vida burocrática, precisava de um campo mais amplo. Assim, por intermédio do mesmo duque, conseguiu integrar uma missão científica em viagem pelos países europeus.

AS VIAGENS

Em julho de 1790, vamos encontrar José Bonifácio em Paris, com dois companheiros — o brasileiro Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá e o português Joaquim Pedro Fragoso — para "adquirir por meio de viagens literárias e explorações filosóficas os conhecimentos mais perfeitos da Mineralogia e mais partes da Filosofia e História Natural", às expensas do Real Erário. E ali fêz um curso de química, com Fourcroy, e outro de mineralogia, com Le Sage, freqüentando, também, as aulas de Lavoisier, Jussieu, Chaptal e do abade Hauy, sendo eleito, em 1791, sócio da Sociedade Filomântica de Paris e da Sociedade de História Natural, onde lê uma **Memória sôbre o êrro em que estavam os europeus a respeito da descoberta dos diamantes no Brasil.** Seguindo para a Alemanha, fêz um curso de orictognosia e geognosia e estudou matemática, metalúrgica e legislação de minas, com os maiores mestres, tornando-se condiscípulo de Humboldt, na Academia de Freiberg. Dali, partiu em visita às minas do Tirol, à Lombardia, à Estíria, à Caríntia. Em Pávia, foi aluno de Volta e, num relatório que só foi publicado em 1812, expõe idéias próprias em oposição a Fortis, Ferber e Spallanzani.

Sua ambição de saber leva-o às minas e jazidas da Suécia e da Noruega, passando depois para a Groenlândia, sempre anotando e classificando minerais. Suas descobertas já ecoavam por tôda a Europa e foi chamado à Bélgica, Holanda, Hungria e até à Turquia.

NOVAMENTE EM PORTUGAL

Dez anos e três meses mais tarde, em setembro de 1800, José Bonifácio regressa a Lisboa, onde encontra seus irmãos Martim Francisco e Antônio Carlos, com os quais formaria a gloriosa trinca dos Andradas. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro da Marinha e Ultramar, também ficou impressionado com sua inteligência e cumulou-o de comissões. Criou-lhe — grande distinção — a cátedra de Metalurgia, na Universidade de Coimbra, nomeando-o, a seguir, Intendente-Geral das Minas e Metais do Reino e membro do Tribunal das Minas. Em novembro de 1801, passou a dirigir o Real Laboratório da Casa da Moeda; em 1807, foi nomeado Superintendente do Rio Mondego e das Obras Públicas de Coimbra, Diretor dos Serviços de Hidráulica e, ainda, Provedor da Finta de Manhães.

Quem sabe o que representava naquele tempo um brasileiro ocupar cargos públicos em Portugal, pode avaliar, daí, a competência de José Bonifácio, que, aliás,

aceitava tais nomeações, como disse, apenas "por ser vassalo fiel, bem que não fôsse êste lugar de gôsto e vontade sua". Diga-se, também, em seu abono, que sòmente de três dêsses empregos recebia vencimentos. Sua independência de caráter, todavia, obrigava-o a representar aos ministros nestes têrmos: — "Nunca tive mêdo do trabalho e de boa mente sacrifico meu repouso e saúde, ao bem da pátria, quando vejo que lhe posso ser útil, mas, quando reflito no péssimo estado em que de propósito conservam a minha faculdade, não posso deixar de lamentar o meu tempo perdido..."

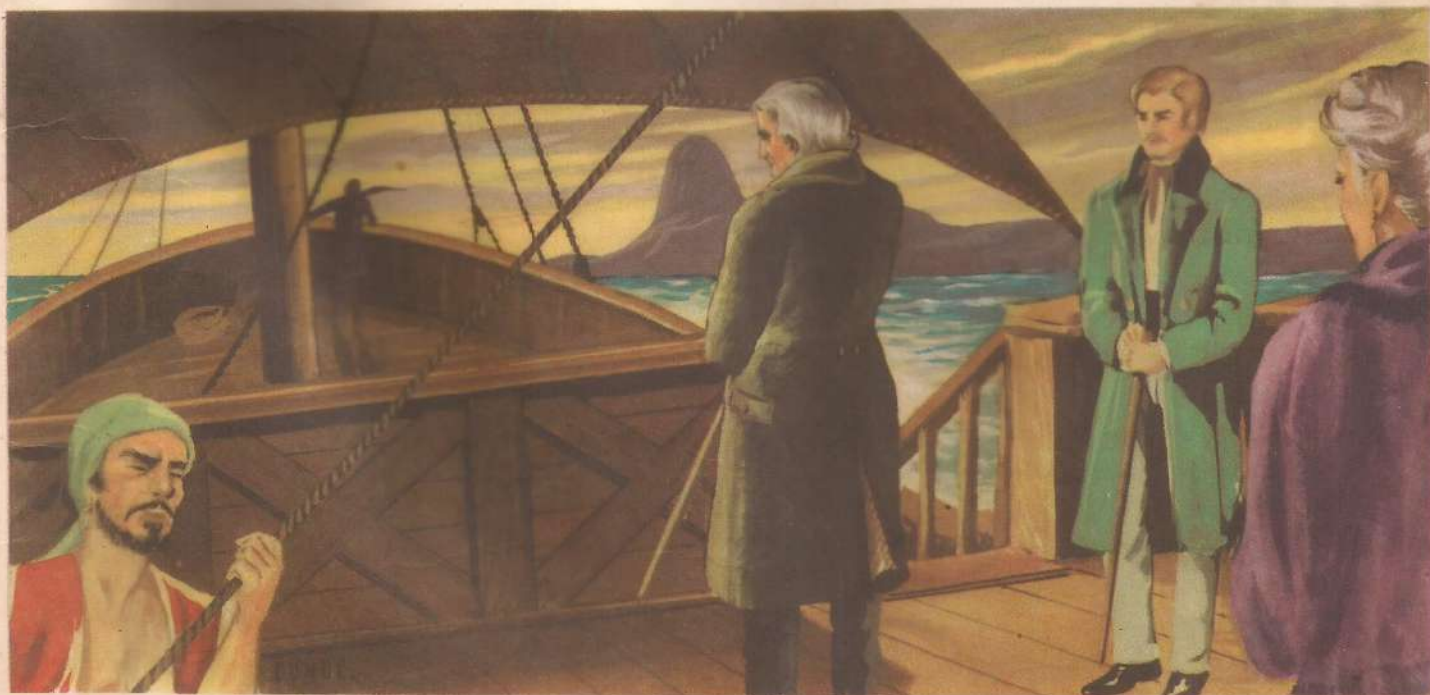
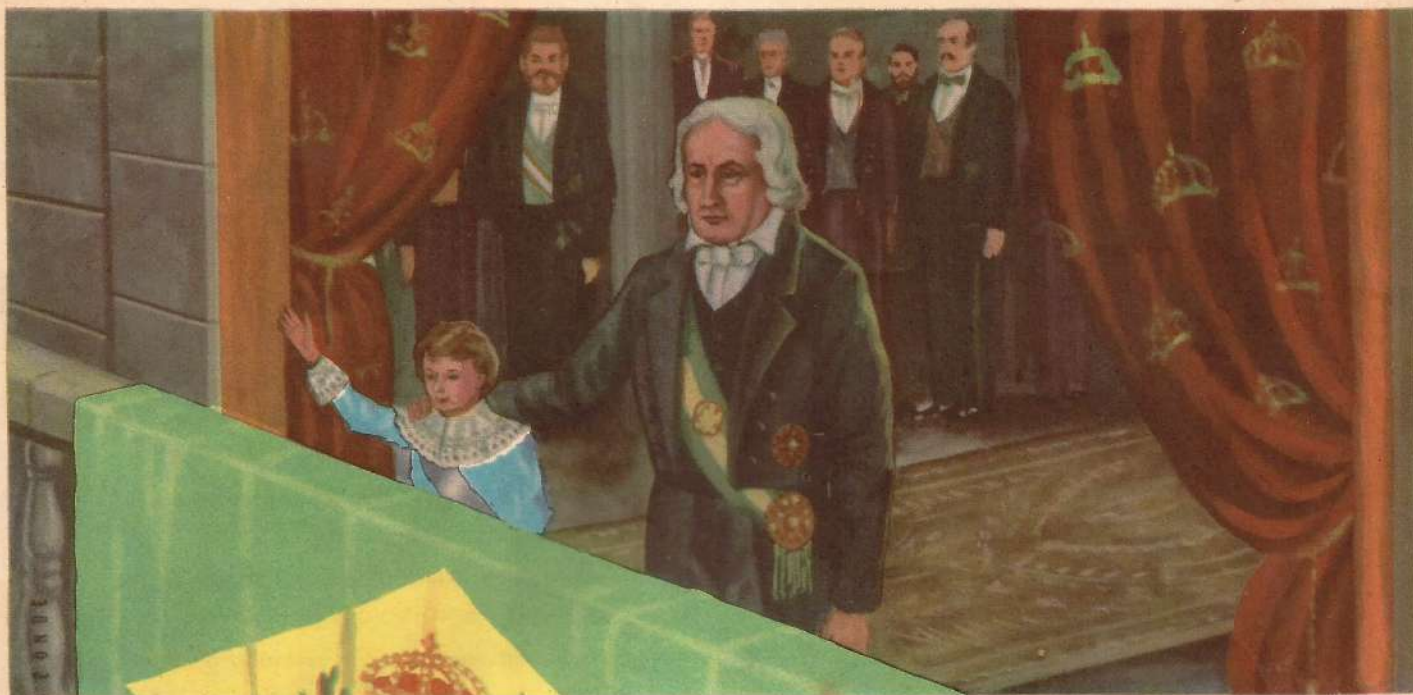
A saudade da terra natal já o torturava e, em 1806, pedia sua jubilação ao príncipe regente, para que pudesse "acabar o resto de meus cansados dias nos sertões do Brasil... estou doente, aflito e cansado e não posso com tantos dissabores e desleixos".

Morava, por êsse tempo, numa quinta perto de Lisboa, alugada por seiscentos mil-réis anuais. Era homem de estatura pouco inferior à média e muito magro. Em seu rosto pequeno e redondo ressaltava um nariz descarnado e ligeiramente curvo. Os olhos azuis e brilhantes eram pequeninos, mas vivíssimos. Os cabelos pretos e lisos formavam, atrás, um trançado ou chicote, pendente à nuca. Seu vestuário constava, ordinàriamente, de longo casaco pardo e calças igualmente compridas. De temperamento colérico, extremamente cioso de suas funções, irritava-se ao menor desleixo de seus subordinados. Não poupava seus inimigos e chamou aos seus colegas de Coimbra "sátrapas atrevidos e pedantes" e, embora fôsse desembargador, dizia sèr Portugal um país "onde a inveja e a presunção suscitam a cada canto e cada hora inimigos".

Invejado, e ao mesmo tempo temido pela sua rude franqueza, José Bonifácio ia vivendo cheio de mágoas e saudoso de sua terra, quando Napoleão, em 1807, envia Junot para invadir Portugal e, em novembro dêsse mesmo ano, o príncipe regente D. João e sua côrte fogem para o Brasil.

Embora as saudades o apertassem, José Bonifácio recusou embarcar entre os numerosos áulicos que acompanharam a família real portuguêsa, preferindo ficar em Portugal e combater o invasor de armas na mão. Tomou parte ativa na luta, dirigindo o fabrico de munições e alistou-se no Corpo Militar Acadêmico, em Coimbra, com o pôsto de major e, mais tarde, foi promovido a tenente-coronel. Depois da reconquista da cidade do Pôrto, o "brasileiro" foi nomeado Intendente de Polícia e Superintendente da Alfândega e da Marinha.

Os anos que se seguiram, até 1819, data em que regressa ao Brasil, foram de aborrecimentos para José Bonifácio, pois continuava a ser invejado e alvo de intrigas e protestava "contra o obscurantismo de algumas toupeiras, que temem e não podem suportar a luz". Foi nomeado, assim mesmo, Secretário Perpétuo da Academia de Ciências. Através de cartas dos irmãos, recebeu notícias minuciosas da revolução pernambucana, ficando ciente de que "todos têm jurado defender a causa da liberdade e não se sujeitarem mais ao Poder Real", que uma Assembléia Constituinte ia ser convocada, que tinham abolido impostos escorchantes, etc.

Estava com 54 anos, com a saúde abalada, em conseqüência de moléstia de natureza crônica, e desejava voltar ao Brasil para "entranhar-me nas matas de São Paulo, onde ao menos tenho bananas, carne de porco e farinha de pau à fartura". Em junho de 1819, ao despedir-se da Academia das Ciências, assegura que se esforçará na América por continuar a ser útil "com os frutos do seu pobre engenho" e, referindo-se ao Brasil, exclama: — "E

Naquela triste tarde de 20 de novembro de 1823, num péssimo barco, seguia o grande patriota para o exílio. Seu olhar paira, já saudoso, sôbre a terra que êle tanto amava e que ainda tanto ia precisar de sua experiência e patriotismo.

O momento culminante da vida de José Bonifácio. Nomeado Tutor do Príncipe, é com justificado orgulho que êle apresenta ao povo brasileiro D. Pedro II, ainda menino, o futuro 2.º imperador do Brasil.

que país êsse, meus senhores, para uma nova civilização e para novo assento das ciências! Que terra para um grande e vasto império!"

EM SÃO PAULO

E assim, depois de 36 anos, José Bonifácio chega à pátria, com sua espôsa e filha, recebendo entusiásticas aclamações mas recusando postos elevados na administração pública. Estava ansioso por deixar a Côrte e ir, quanto antes, receber a bênção materna. Em Santos, encontra sua velha mãe octogenária e o irmão Martim Francisco, com o qual logo seguiu para o interior, em uma viagem mineralógica, tendo visitado Parnaíba, Pirapora, Piracicaba, Itu e Sorocaba, onde admira as mulheres dali, classificando-as "verdadeiros tipos de beleza", e visita a fábrica de ferro de Ipanema. Na volta, passa por Cotia e São Roque e recolhe-se novamente a Santos, na ilusão de, em seu sítio dos Outeirinhos, ir "viver e morrer como simples roceiro". Mas não era homem para viver inativo, e é arrastado pela política, que tanta glória lhe iria trazer mas que, igualmente, lhe faria viver os anos mais amargos de sua vida. Aclamado vice-presidente da Província, devido a seus atos, D. Pedro logo lhe reconheceu os bons serviços, pùblicamente.

Redigiu instruções preservando a umidade do território brasileiro, minado pela política, propugnando justiça e igualdade e número igual de deputados do reino e de ultramar, preconizou a catequização e civilização dos índios, melhoria para os escravos, pleiteou escolas de primeiras letras para tôdas as cidades, vilas e freguesias e, ainda, um ginásio e colégio para cada província e ao menos uma Universidade para o Brasil, além de doação de terras a índios, colonos pobres, mulatos e negros que as quisessem cultivar.

Mas o pensamento da Côrte era enfraquecer o Brasil, para que retornasse à sua condição de colônia. D. Pedro, titubeante, estava propenso a acatar as leis mais esdrúxulas do Reino, mas os patriotas brasileiros, com José Bonifácio à frente, iniciaram logo vasto movimento, pedindo ao Príncipe que ficasse. A carta redigida por José Bonifácio era desabrida, violenta, e tinha trechos assim: **"É impossível que os habitantes do Brasil, principalmente os paulistas, que se prezarem de ser homens, possam jamais consentir em tais abusos e despotismos... V. A. R., tornando-se escravo de um pequeno número de desorganizadores, terá de responder pelo sangue que irá correr pelo Brasil, com sua ausência..."**

Em 1.º de janeiro de 1822, D. Pedro recebeu a vibrante e exaltada mensagem dos paulistas e a 9 do mesmo mês pronunciou a frase histórica: **Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico.**

Os paulistas enviaram uma delegação à Côrte e, ao chegarem ao Rio, D. Pedro comunicou a José Bonifácio sua nomeação para o cargo de Ministro do Reino e dos Estrangeiros, mas o grande patriota sòmente aceitou após o Príncipe lhe garantir que o Fico era definitivo. Começou aí sua grande tarefa pela Independência do país.

NO AUGE DA GLÓRIA

José Bonifácio foi o primeiro brasileiro a ocupar o cargo de ministro e o que acresce o valor da decisão do Príncipe era que êste nem sequer conhecia o escolhido. O velho paulista assumiu a pasta num momento crítico, com as fôrças do general Avilez, acampadas em Niterói, ameaçando a cidade, mas a decisão do novo ministro, que se recordou dos bravos tempos do Corpo Militar

Acadêmico, aceitando a luta de armas na mão, obrigou as tropas portuguêsas a embarcar para Portugal. Muitas, no entanto, foram às lutas que o Patriarca teve que enfrentar, não só de parte dos portuguêses mas também de inimigos políticos, que não lhe perdoavam a altivez e a linguagem desembaraçada, porém José Bonifácio tinha um sagrado ideal, a independência de sua Pátria, e prosseguiu, impertérrito, rumo à sua meta.

Em setembro de 1822, os acontecimentos precipitaram-se. As Côrtes de Lisboa nomearam ministros para o Brasil e anularam muitos atos da Regência. Encontrando-se D. Pedro em São Paulo, a imperatriz D. Leopoldina, também partidária da separação do Reino, reuniu o ministério e ficou resolvido dar conhecimento de tudo ao Príncipe, por carta, dizendo-lhe: **O Brasil o quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, êle fará sua separação. O pomo está maduro!** e, referindo-se a José Bonifácio, insiste: **Ainda é tempo de ouvirdes o conselho de um sábio, que conheceu tôdas as côrtes da Europa, e que, além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos: ouvi o conselho de vosso ministro, se não quiserdes ouvir o de vossa amiga."** O conselho de José Bonifácio também era firme e decisivo: **O dado está lançado, e de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores. Venha V. A. quanto antes, e decida-se; porque irresoluções e medidas de água morna, à vista dêsse contrário que não nos poupa, para nada servem, e um momento perdido é uma desgraça!**

Diante dessas cartas e da correspondência de Lisboa, pelas quatro e meia da tarde do dia 7 de setembro, na colina do Ipiranga, D. Pedro anunciou para a guarda de honra que o acompanhava:

— É tempo! Independência ou morte! Estamos separados de Portugal!

ÚLTIMAS LUTAS

Dura foi, contudo, a fase de organização do novo estado, pois, como sempre, os inimigos do Patriarca tramavam na sombra. D. Pedro, agora imperador, era também homem violento e arrebatado, além de bastante volúvel, e bem depressa os Andradas abandonaram o ministério. Representações do povo e o clamor geral fizeram com que José Bonifácio voltasse ao poder, onde foi acusado de haver agido com excessiva violência contra seus desafetos, mas todos são unânimes em reconhecer seu esfôrço e dedicação, seu patriotismo. Modesto, e infenso a honrarias, recusou o título de Marquês, a Ordem do Cruzeiro e tôdas as condecorações com que o Imperador quis agraciá-lo. Já o chamavam, por êsse tempo, "Pai da Pátria e Patriarca da Independência."

Em 15 de julho de 1823, todavia, novas divergências surgiram e os Andradas demitiram-se outra vez dos cargos que ocupavam, tendo José Bonifácio declarado que "não levava saudades do poder, porque nunca dera pêso ao fumo das grandezas humanas" e desejava recolher-se ao campo e prosseguir em seus estudos. Não voltou para seu sítio dos Outerinhos, pois, combativo como era, deixou-se ficar na Côrte, fustigando os erros dos políticos, o que ocasionou seu exílio, partindo para a Europa em 20 de novembro de 1823, num péssimo barco, o "Lucônia", em companhia de sua família e de alguns deputados atingidos pela dissolução da Constituinte.

Desembarcou em Vigo, na Espanha, dali seguindo para Bordéus, na França. O clima frio torturava-o, mas

Modesto, pobre, sempre infenso ao luxo, o velho varão santista recebe em seu quarto Bernardo de Vasconcellos. Para desculpar os remendos dos lençóis, diz ao amigo, rindo: — Não repare se o bordado está um pouco diferente..."

reagiu e passou a escrever, datando dessa época muitas de suas melhores produções literárias e científicas. A preocupação de voltar ao Brasil, contudo, não o deixava um só instante e escrevia: **só desejo e ambiciono é ir acabar o resto de meus dias em algum cantinho escuso e sossegado do Brasil.** Devorava notícias do Brasil e chamava ao imperador "rapazinho", "imperial criança", e menosprezava os áulicos e apaniguados, dizendo "como andam contentes êsses Tatambas emproados, com suas fitinhas e chocalhos", referindo-se às condecorações que o monarca distribuia a granel.

A Bahia sufraga-lhe o nome para senador, em 1826, e, em 1828, para deputado, e êle escreve, agradecendo, a **Ode dos Baianos,** talvez o mais belo de seus poemas. O atraso no pagamento da pensão que lhe haviam fixado criava-lhe embaraços econômicos, mas, conseguindo dinheiro emprestado, em maio de 1829, embarca, chegando ao Rio em julho. Sua primeira preocupação, todavia, foi arranjar dinheiro para os funerais da espôsa, que lhe falecera em viagem. Estava com sessenta e seis anos, tivera uma vida agitada, em que trabalhara mais para os outros que para si, e era pobre, nada tinha de seu.

A política, a que tanto dera, não mais o interessou, seus inimigos se encontravam no poder, mas, assim mesmo, indo ao Paço, por ocasião da chegada da segunda imperatriz, D. Amélia, D. Pedro o recebeu de braços abertos, apresentando-o à espôsa como seu **maior amigo.** José Bonifácio, sempre franco e sincero, serviu-se da ocasião e falou claro ao Imperador sôbre a situação do País. Convidado para aceitar um lugar no ministério, recusou e retirou-se para o poético recanto da ilha do Paquetá, onde tencionava "acabar tranqüilo o resto de seus cansados dias."

No momento angustioso em que D. Pedro I abdicou, o monarca lembrou-se do antigo ministro que **"só desejava o meu bem e me queria como a um filho."** E de seu próprio punho redigiu o decreto nomeando tutor de seus filhos **"ao muito probo, honrado e patriótico cidadão José Bonifácio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo,** pedindo-lhe para **educar o filho naqueles sentimentos de honra e patriotismo com que devem ser educados todos os soberanos para serem dignos de reinar.**

Em 8 de abril, no dia seguinte, José Bonifácio assumiu suas novas funções, mas sòmente a 19 de agôsto se empossava no cargo de tutor dos filhos do Imperador, funções que exerceu até dezembro de 1833, quando foi obrigado a passá-las a outrem, acusado de estar tramando a volta de D. Pedro I.

Em seu retiro de Paquetá, intimado a apresentar-se ao Júri, respondeu altivamente: **não preciso de defesa, sou acusado em um processo irregular, injusto e absurdo.** Em 14 de fevereiro de 1838, foi absolvido por unanimidade, num dos mais sensacionais julgamentos da época. Agravando-se seus males, deixou a ilha e foi para Niterói, acedendo ao apêlo de parentes e amigos. E ali, na Rua do Ingá, aos 75 anos, a cabeça tôda branca, os olhos azuis ainda vivos, sentava-se, tôdas as tardes, à porta, contando histórias às crianças que o vinham procurar constantemente.

Viveu, assim, seus últimos dias, rodeado de crianças e amigos fiéis até à tarde de 6 de abril de 1838, quando, por volta das três horas, Deus o levou para o descanso eterno.

E o Brasil perdeu um de seus mais ilustres filhos, o homem que dedicou a vida à ciência, ao estudo e à Pátria, o homem que jamais sentiu covardia, defendendo, acima de tudo, a verdade, doesse a quem doesse.

Mas a história fêz-lhe justiça, pois seus feitos permanecerão perenemente como exemplo para todos os brasileiros.

***

O Panteão dos Andradas, erigido pela população de Santos aos seus grandes filhos, na Praça da Independência. Para lá foram transportados os despojos de José Bonifácio, Martim Francisco e Antônio Carlos, no Centenário da Independência, em 1922.